

**Etec CENTRO PAULA SOUZA
TRAJANO CAMARGO
TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO**

JESSICA DE SOUSA SILVA

ESTUDO DE CASO DAS LOJAS AMERICANAS

ARTUR NOGUEIRA - SP

2023

JESSICA DE SOUSA SILVA

ESTUDO DE CASO DAS LOJAS AMERICANAS

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado ao Curso Técnico em Administração da Etec Trajano Camargo, orientado pelo Profº. Victor Eduardo Orenhas, como requisito parcial Para obtenção do título de técnico em Administração.

ARTUR NOGUEIRA - SP

2023

RESUMO

A loja Americanas teve um crescimento muito bom ao longo dos anos, se consolidando no mercado e obtendo ótimos resultados, a proposta inicial dos fundadores da Loja Americanas foi criar uma loja com preços baixos a *Five and Ten Cents* (lojas que vendiam mercadorias a 5 e 10 centavos, na moeda americana). Esse modelo de loja já fazia sucesso nos Estados Unidos e na Europa. A finalidade deste trabalho é falar sobre a trajetória das Lojas Americanas no Brasil até os dias atuais, com foco no rombo da contabilidade que foi de anunciado em janeiro de 2023.

Palavras-Chaves: Auditoria, Recuperação, falência.

ABSTRACT

The Americanas store had a very good growth over the years, consolidating in the market and obtaining great results, the initial proposal of the founders of the Loja Americanas was to create a store with low prices to Five and Ten Cents (stores that sold goods at 5 and 10 cents, in the American currency). This store model was already successful in the United States and Europe. The purpose of this paper is to talk about the trajectory of the American Lodges in Brazil to the present day, focusing on in the accounting gap that was announced in January 2023.

Keywords: Oudit, Recovery, Bankruptcy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A HISTÓRIA DAS LOJAS AMERICANAS NO BRASIL.....	7
2.1 Início da Expansão Nacional: Chegada ao Rio Grande do Sul.....	7
2.2 Marcas e Histórias: Lojas Americanas	8
3 AMERICANAS: UMA HISTÓRIA DE SUCESSO.....	10
3.1 Como um Negócio de 90 Anos se Mantém Inovador e em Crescimento	11
4 MESMO NOME, OPERAÇÕES DIFERENTES.....	12
4.1 Os Primeiros Anos da Expansão Virtual	12
5 TUDO A TODA HORA E EM QUALQUER LUGAR.....	14
6 AMERICANAS ACHA ROMBO DE R\$ 20 BILHÕES E PRESIDENTE DA EMPRESA RENÚNCIA	14
6.1 Afinal Qual é o Tamanho Real do Rombo das Americanas	14
6.2 Como o Mercado Reagiu ao Rombo nas Contas das Americanas	14
6.3 As Falhas Que Podem Ter Levado ao Rombo das Lojas Americanas	15
6.4 Contabilizar “Risco Sacado” Como Dívida ao Fornecedor.....	16
6.5 Falhas nas Auditorias Independentes	18
6.6 Omissão por parte dos Bancos Credores	19
6.7 Falha nos Controles Internos da Empresa	20
7 O QUE ACONTECE AGORA?.....	21
8 CONFIRA AS PRINCIPAIS ETAPAS DA RECUPERAÇÃO JUDICIAL	22
8.1 Divisão dos Credores	23
8.2 Falência	23
9 CONCLUSÃO.....	24
REFERÊNCIAS	25

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo abordar a história das Lojas Americanas, e seu desempenho ao decorrer dos anos até os dias atuais. A pesquisa retrata o cenário de como se deu o início de uma das maiores empresas consolidada no Brasil.

A importância de se firmar no mercado de trabalho e desenvolver um plano de negócio que pudesse crescer com objetivo de se tornar a longo prazo uma das maiores lojas do Brasil.

As lojas Americanas passaram por um processo de desenvolvimento, fazendo com que o seu crescimento expandisse por todo o Brasil. A loja obteve sucesso nas vendas online e entrega rápida isso foi um marco para que a Loja alcançasse o seu objetivo de atingir todas as classes.

De acordo com SEGUIN (2023), atualmente as Loja Americanas descobriu um rombo na sua contabilidade financeira, essa descoberta veio a público através do carioca Sérgio Rial, de 62 anos, ficou apenas dez dias na função de CEO das Americanas. Ele deixou a empresa ontem, após revelar um rombo de R\$ 20 bilhões e "inconsistências contábeis" no balanço financeiro da empresa. O rombo teria acontecido em exercícios anteriores a 2022 — antes, portanto, de Rial assumir a presidência da Americanas. A confirmação das irregularidades e dos valores envolvidos ainda será feita por auditoria independente.

2. A HISTÓRIA DAS LOJAS AMERICANAS NO BRASIL

Segundo o site Ponte Rio Niterói (2023), a empresa foi fundada pelos americanos John Lee, Glen Matson, James Marshall e Batson Borger, que saíram dos Estados Unidos rumo a Buenos Aires com a ideia de abrir uma loja no estilo “Five and Ten Cents (lojas que vendiam mercadorias a 5 e 10 centavos, na moeda americana)”.

Segundo o site Ponte Rio Niterói (2023) no navio em que viajavam, conheceram os brasileiros Aquino Sales e Max Landesman que os convidaram para conhecer o Rio de Janeiro. Na visita ao Rio de Janeiro, os americanos perceberam que havia muitos funcionários públicos e militares com renda estável, porém com salários modestos, e a maioria das lojas não eram destinadas a esse público. As lojas existentes, em geral, vendiam mercadorias caras e especializadas, o que obrigava uma dona de casa ir a diferentes estabelecimentos para fazer as compras.

Segundo o site Ponte Rio Niterói (2023), foi assim que decidiram que o Rio de Janeiro era a cidade perfeita para lançar o sonhado empreendimento – uma loja de preços baixos para atender àquela população “esquecida” e que vendesse vários tipos de mercadorias. Eles desejavam oferecer uma maior variedade de produtos a preços mais acessíveis. Assim, no ano de 1929, inauguraram a 1ª Lojas Americanas, em Niterói (RJ), com o slogan “Nada além de 2 mil réis”. Durante a primeira hora de funcionamento, nenhum cliente apareceu. Em 1940, Lojas Americanas se tornou uma sociedade anônima, abrindo assim seu capital.

2.1 Início da Expansão Nacional: Chegada ao Rio Grande do Sul

Segundo BRUXEL (2023), pouco antes disso, a rede inaugurou uma loja no Rio Grande do Sul. Segundo a Junta Comercial do Estado, a primeira unidade da Americanas em solo gaúcho foi aberta em Porto Alegre no dia 15 de outubro de 1936, ocupando o número 1.362 da Rua dos Andradas, já naquela época um dos principais centros comerciais da Capital.

A história da primeira unidade da Americanas em Porto Alegre também é marcada por uma tragédia. No dia 29 de dezembro de 1973, em razão de um curto-circuito, se iniciou um incêndio no interior da loja, matando cinco funcionárias que faziam uma festa de confraternização de fim de ano naquele momento.

Incêndio da Americanas em Porto Alegre em 1973



Fonte: gauchazh.clicrbs

2.2 Marcas e Histórias: Lojas Americanas

Ainda de acordo com o site Ponte Rio Niterói (2023), em 1940, a Lojas Americanas tornou-se uma sociedade anônima, abrindo seu capital. Em 1982, os principais acionistas do Grupo Garantia entraram na composição acionária de Lojas Americanas como controladores.

No primeiro semestre de 1994, concretizou a formação de uma “joint venture” com o nome de Wal Mart Brasil S/A, com participação de 40% das Lojas Americanas S.A, e 60% por parte da Wal Mart Store Inc. na composição do capital.

Em dezembro de 1997, por decisão do Conselho de Administração da empresa, foi aprovada a venda total da participação de 40% na “joint venture” para o Wal Mart Inc. Essa decisão foi tomada após a conclusão de que seria necessário a total concentração de recursos no próprio negócio da companhia.

De acordo com o site Ponte Rio Niterói (2023), em agosto de 1998, o Conselho de Administração aprovou a venda total da participação acionária das Lojas Americanas na empresa 5239 Comércio e Participações S.A, subsidiária que detinha o controle acionário de suas 23 lojas de supermercado, para a empresa francesa Comptoirs Modernes (pertencente ao Grupo Carrefour). A decisão pela saída do segmento supermercadista deveu-se ao processo de consolidação pelo qual passa este setor no Brasil com a entrada de grandes concorrentes internacionais, o que exigiria expressivos investimentos para a manutenção da posição de mercado da

Companhia. Desta forma, a Lojas Americanas decidiu novamente focar em seu principal negócio: lojas de descontos.

Em julho de 1999, a companhia decidiu pela segregação de seu negócio imobiliário, tendo o seu capital social reduzido em R\$ 493.387 mil, valor correspondente ao investimento possuído pela São Carlos Empreendimentos e Participações S.A.

No final do ano de 1999, iniciou a venda de mercadorias através da Internet, criando a controlada indireta Lojas Americanas.com. Em 2000, as Lojas Americanas tiveram seu capital aumentado através da subscrição integral feita pelas empresas Chase Capital Partners, The Flatiron Fund, AIG Capital Partners, Next International, Global Bridge Ventures e Mercosul Internet S/A, que juntas subscreveram por US\$ 40 milhão, ações correspondentes a uma participação final de 33% do capital social das Lojas Americanas. Filial no Shopping Vale do Aço, em Ipatinga.

Segundo o site Ponte Rio Niterói (2023), o ano de 2003 teve como principal característica a aceleração do programa de expansão. Com o objetivo de expandir a rede de lojas, foram inauguradas 13 lojas convencionais, fortalecendo a presença da companhia em mercados importantes das regiões Sudeste e Sul do país. Duas outras lojas foram reformadas para possibilitar um melhor atendimento aos clientes. O conjunto de inaugurações contemplou também a abertura das três primeiras lojas "Americanas Express", concebidas segundo o "conceito de vizinhança" no Rio de Janeiro. As lojas são compactas, com sortimento selecionado, mas com os mesmos padrões de qualidade e preço que diferenciam a atuação das Lojas Americanas.

Em 2004, deram continuidade ao processo de expansão através da abertura de 35 lojas e da conclusão do novo Centro de distribuição em Barueri, na grande São Paulo, visando suportar numa primeira fase, o crescimento orgânico da companhia, tanto das lojas físicas como da loja virtual.

O ano de 2005 foi um ano de importantes realizações para maximizar o valor de Lojas Americanas: foram inauguradas 37 novas lojas, foi adquirido o canal de TV e site de comércio eletrônico Shoptime e foi realizada uma joint venture com o Banco Itaú, criando a Financeira Americanas Itaú, ou Americanas Taií.

Em 2006, dando prosseguimento aos nossos Sonhos para a geração de valor de Lojas Americanas S.A., prosseguiram com a expansão orgânica inaugurando 45 novas lojas e criaram uma empresa, a B2W, companhia Global de Varejo, produto da fusão das Lojas Americanas e do Submarino.

Em janeiro de 2007, Lojas Americanas anunciou a aquisição da BWU, empresa detentora da marca Blockbuster Inc. no Brasil e somou mais 127 lojas à sua rede.

Filial em Tangará da Serra, no interior de Mato Grosso, inaugurada em novembro de 2011, consolidando a expansão da rede no Brasil. Multada por uso de trabalho análogos à escravidão

Em setembro de 2013, a rede Lojas Americanas foi condenada a pagar 250 mil reais para entidades assistenciais sem fins lucrativos devido ao uso de mão-de-obra em condições trabalhistas análogas às de escravidão. A fiscalização ocorreu em janeiro de 2013 na empresa BASIC+ que vende sua mercadoria para as Lojas Americanas e encontrou nessa situação um grupo de bolivianos na cidade de Americana que fornecia roupas infantis para a Americanas.

3. AMERICANAS: UMA HISTÓRIA DE SUCESSO

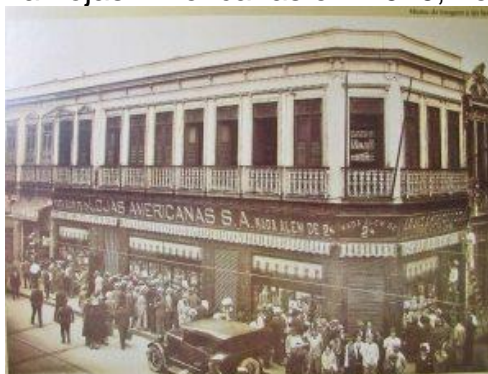
Segundo CARNEIRO (2017), por décadas, a empresa investiu na sua expansão ao abrir lojas em todo o Brasil, tornando-se a quarta maior empresa varejista do país, segundo ranking do Ibevar de 2015. Em 1994, uniu-se à Wal-Mart Store Inc. – uma das maiores cadeias mundiais de varejo, com sede nos Estados Unidos – para criar a joint venture Wal-Mart Brasil S.A., o que colocou as Lojas Americanas em um patamar de grande visibilidade.

Assim, em setembro de 1999, foi inaugurada as Lojas Americanas. O primeiro pedido efetuado na loja online foi realizado no mês de novembro do mesmo ano.

Ainda de acordo com CARNEIRO (2017), apesar do nome se manter, a loja online é uma empresa diferente das Lojas Americanas S.A, que são as lojas físicas espalhadas por todo o país. Atualmente, inclusive, o e-commerce possui melhores ofertas que as lojas físicas, além de milhares de Cupom de desconto Americanas, o que auxiliou fortemente a alavancar as vendas e negócios.

Desde o início de sua história, as Lojas Americanas adotaram uma estratégia inovadora e desenvolveu seu próprio sistema de logística, conseguindo entregar os seus pedidos em qualquer lugar do Brasil, em 48 horas, e ainda fazer entregas internacionais.

Inauguração da primeira Lojas Americanas em 1929, Leblon (Rio de Janeiro)



Fonte: www.ponterioniteroi

3.1 Como um Negócio de 90 Anos se Mantém Inovador e em Crescimento

Segundo Menezes (2020), as Lojas Americanas recebem o prêmio pelo desempenho no ano do seu 90º aniversário. Em 2019, a companhia cumpriu o desafio do programa “85 anos em 5, somos mais Brasil”, lançado em 2014, de abrir 800 lojas nos cinco anos seguintes — ou, “simplesmente”, quase dobrar de tamanho.

Pois a empresa abriu 806 lojas para chegar a uma rede com 1,7 mil. Além disso, celebrou outra conquista perseguida por três anos, como lembra o presidente, Miguel Gomes Pereira Sarmiento Gutierrez: obter caixa positivo de R\$ 189,9 milhões na plataforma digital. Chegou com sucesso, assim, a um modelo híbrido de lojas físicas e plataformas digitais. “Utilizamos o lema ‘Tudo. A toda hora. Em qualquer lugar’ para guiar nossa visão e decisões, de modo a tornar o Universo Americanas relevante no dia a dia dos clientes”, afirma Gutierrez.

Ainda segundo Menezes (2020), para entender o lema e as conquistas de 2019 é preciso conhecer o significado do Universo Americanas, controlado por Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Carlos Alberto Sicupira, sócios também na AB InBev — maior cervejaria do mundo —, no Burger King e na Heinz. O Universo Americanas tem quatro principais estrelas: a empresa-mãe Americanas, detentora das lojas físicas; a B2W Digital, de e-commerce, com americanas.com e Submarino; a IF Inovação e Futuro, constituída como empresa para criar negócios disruptivos e potencializar oportunidades; a fintech Ame, de pagamentos digitais e negócios, uma das primeiras iniciativas da IF; e a Let’s, de logística e distribuição, também originada na IF.

4. MESMO NOME, OPERAÇÕES DIFERENTES

Segundo o BLOG AMERICANAS MARKETPLACE (2021), o lançamento da Americanas.com. Foi um marco, principalmente pelo alto investimento tecnológico necessário para isso. O site ainda posicionou a marca em um novo ambiente e

estabeleceu um meio de interação diferenciado com os consumidores, que, a partir daquele momento, podiam comprar produtos e serviços da Lojas Americanas via internet.

Porém, apesar do nome do site fazer uma associação direta às lojas físicas, a Americanas.com possuía uma operação completamente separada, sendo subsidiária da Lojas Americanas.

4.1 Os Primeiros Anos da Expansão Virtual

Segundo o BLOG AMERICANAS MARKETPLACE (2021), o crescimento acelerado e a resiliência do negócio para se adaptar às tendências do varejo e as necessidades dos consumidores se manteve nos anos seguintes. Confira um pouco mais do que rolou nos primeiros anos do site da Americanas.

2002 – As vendas das Lojas Americanas já representavam 8,7% da venda total da Companhia.

2003 – O site se tornou referência no comércio eletrônico brasileiro e já contava com uma base aproximada de 1 milhão de visitantes únicos, o equivalente a 50% do total dos brasileiros que compravam pela Internet.

2004 – Com 3 milhões de acessos mensais, cerca de 110 mil itens ofertados e liderança em faturamento, o site das Lojas Americanas se torna oficialmente o maior portal de e-commerce do país.

2005 – Americanas + Shoptime

A aquisição do Shoptime adicionou ao negócio dois novos canais de vendas – TV e catálogo – e ainda trouxe uma nova base de clientes, resultante dos dez anos de mercado da marca.

Além disso, nesse mesmo ano, a Americanas.com foi eleita, pelo quinto ano consecutivo, o melhor site de comércio eletrônico pela votação do público no Prêmio Ibest e se consolidou como o maior portal em volume de vendas e destino de compras da América Latina.

2006 – Criação da B2W – Companhia Global do Varejo

Ainda de acordo com o BLOG AMERICANAS MARKETPLACE (2021), em dezembro de 2006, a fusão da Americanas com o Submarino dá vida à B2W (atual americanas s.a.) – Companhia Global do Varejo, que agora reúne três grandes portais de e-commerce: Americanas, Shoptime e Submarino, e se torna a maior empresa de comércio eletrônico da América Latina.

Nessa época, já era evidente a evolução do consumidor, que buscava cada vez mais praticidade e comodidade na hora de realizar as suas compras. Assim, a empresa chegou no momento ideal, trazendo uma maior oferta de produtos e serviços, além de diversas vantagens para esse público, que agora podia adquirir os produtos on-line, por telefone, por catálogos ou até pelo canal de televisão Shoptime.

5. TUDO A TODA HORA E EM QUALQUER LUGAR.

Segundo o BLOG AMERICANAS MARKETPLACE (2021), em 2019, a Americanas adotou uma abordagem única na forma de atender seus clientes, também conhecida como Universo Americanas. Ela oferece plataforma física e digital, conta com um motor de inovação para acelerar os negócios e, em todas as suas frentes, busca “realizar sonhos e atender as necessidades de consumo das pessoas”.

6. AMERICANAS ACHA ROMBO DE R\$ 20 BILHÕES E PRESIDENTE DA EMPRESA RENÚNCIA

Segundo NUNES (2023), no dia 11 de janeiro de 2023, a Americanas comunica que foram detectadas inconsistências em lançamentos contábeis estimadas em R\$ 20 bilhões, em análise preliminar, com data-base de 30 de setembro de 2022.

De acordo com o comunicado, seriam lançamentos contábeis redutores da conta de fornecedores realizados em exercícios anteriores, incluindo o ano de 2022. “A Companhia estima que o efeito caixa dessas inconsistências seja imaterial”, informa.

Diante disso, o diretor-presidente Sergio Rial e o diretor de Relações com Investidores André Covre, empossados em 2 de janeiro deste ano, comunicaram sua decisão de não permanecer na companhia, com efeito imediato.

6.1 AFINAL QUAL É O TAMANHO REAL DO ROMBO NAS AMERICANAS

Segundo LAGE (2023), a empresa entrou com pedido de recuperação judicial com R\$ 43 bilhões em dívidas. Esse débito dobrou de valor depois que a empresa anunciou “inconsistências contábeis” de R\$ 20 bilhões no último dia 11 de janeiro. O tamanho exato dos erros nos balanços de 2022 e de anos anteriores ainda será alvo de investigação por um comitê e uma auditoria.

6.2 Como o Mercado Reagiu ao Rombo nas Contas da Americanas

De acordo com LAGE (2023), no dia seguinte ao anúncio das “inconsistências contábeis”, a quinta-feira, dia 12, as ações da Americanas recuaram 77,3% e fecharam a R\$ 2,72. Foi a maior queda de uma empresa da carteira do Ibovespa, índice de referência dos investidores, desde 1994, segundo o Valor Data.

Os investidores refletiram a queda de confiança na companhia após o anúncio do rombo nas contas, o que afeta a reputação da marca.

6.3 As Falhas que Podem ter Levado ao Rombo nas Lojas Americanas

Segundo CORRÊA (2023), a crise da Americanas levantou dúvidas sobre os mecanismos de controle e contabilidade utilizados pela gigante do varejo brasileira. No último dia 11 de janeiro, o então CEO Sérgio Rial anunciou a investidores inconsistências nos balanços da empresa que, segundo ele, chegavam a R\$ 20 bilhões. Em meio ao escândalo, Rial pediu demissão apenas nove dias depois de assumir o cargo. O caso teve o efeito de um terremoto no mercado financeiro, com as ações da varejista caindo cerca de 80% no dia seguinte ao anúncio do rombo.

As dívidas, que poucos dias depois atingiram a ordem dos R\$ 43 bilhões, não haviam sido lançadas nos resultados financeiros da Americanas, ou seja, estavam "escondidas". Segundo Rial, o prejuízo veio, em grande parte, de operações de "risco sacado", ou forfait, em que são utilizados empréstimos bancários para o pagamento de fornecedores. Esses valores tampouco foram identificados pela auditoria, feita pela consultoria multinacional PwC.

Na semana passada, a Americanas teve o pedido de recuperação judicial atendido pela 4ª Vara Empresarial do Rio. Fundada em 1929, em Niterói (RJ), e tendo como sócios majoritários, desde 1982, o grupo 3G Capital, dos bilionários Jorge Lemann, Marcel Telles e Carlos Sicupira, a varejista tem atualmente mais de 3.600 lojas físicas e cerca de 40 mil funcionários. Só de credores, são mais de 16 mil.

A DW Brasil conversou com especialistas em finanças e enumerou algumas falhas que podem ter levado ao colossal rombo nas contas da gigante do varejo nacional.

6.4 Contabilizar "Risco Sacado" como Dívida ao Fornecedor

Ainda de acordo com CORRÊA (2023), o chamado "risco sacado", ou forfait, é uma forma de antecipar os pagamentos aos fornecedores, utilizada no ramo do varejo, que normalmente trabalha com parcelamentos e pagamentos em crédito aos clientes, em longos prazos.

Como os fornecedores exigem pagamentos dos produtos em um prazo apertado, a revendedora recorre a empréstimos de bancos para quitar esses valores. Assim, o credor da varejista passa a ser a instituição financeira que fez o pagamento aos fornecedores.

No entanto, o que pode ter acontecido no caso da Americanas é esse passivo com os bancos não ser lançado como dívidas financeiras, mas, em vez disso, como dívidas com fornecedores, o que não aparece nos resultados enviados ao mercado pelas empresas de capital aberto, como a varejista.

Com isso, os juros do empréstimo com os bancos podem não ter sido indicados como aumento de dívida, mas como despesa, explica o professor de contabilidade e finanças do Insper Eric Barreto. "Num primeiro momento, isso não muda o tamanho da dívida, porque é o valor presente. À medida que passa o tempo, ela deveria contabilizar os juros desse passivo, cuja contrapartida seria um aumento da dívida", destaca.

Segundo (BARRETO), as normas sobre o "risco sacado" são recentes. "Esse produto era vendido pelas instituições financeiras até com esse apelo, de que não aparecia na dívida", aponta.

O especialista acrescenta que, a partir de 2016, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) começou a alertar sobre os riscos dessa prática com circulares enviadas ao mercado. "Para a CVM colocar isso, ela já tinha percebido o problema em algumas empresas", diz.

De acordo com (DAVID MASSARA), especialista em direito societário e sócio da Gotlib Massara Rocha Advogados, a divulgação de resultados financeiros transparentes é essencial para um bom funcionamento do mercado financeiro. "Todo o mercado tem que ter acesso às mesmas informações para que todos possam tomar decisões de investimento, de comprar e vender, de uma maneira justa. Se a empresa divulga uma informação falsa ou inconsistente, ela está prejudicando os investidores", afirma.

Professor de economia da FGV, Joelson Sampaio diz que a prática do "risco sacado" deve entrar no radar do mercado com mais ênfase a partir do episódio da Americanas. "Deve ser demandado mais rigor em relação à contabilização e a como é informado ao mercado", prevê.

6.5 Falha nas Auditorias Independentes

CORRÊA (2023), ainda cita que um dos big four da auditoria independente, a inglesa Price water house Cooper, conhecida como PwC, é responsável por verificar os balanços da Americanas desde o fim de 2019, após a saída da KPMG, que também está entre as quatro maiores do ramo no mundo.

Nos últimos resultados divulgados pela varejista, a PwC não encontrou inconsistências ou ressalvas, nem levantou dúvidas sobre os procedimentos de "risco sacado". Após a divulgação do rombo da Americanas, o Conselho Federal de Contabilidade (CFC) instaurou um processo para investigar a conduta da auditoria independente.

A questão, segundo o advogado societário David Massara, é parte de uma discussão sobre o próprio papel das auditorias serem realmente "independentes", já que são pagas pela própria auditada. Além disso, ele diz que outro ponto é se a dimensão e volume dos negócios, que atualmente é muito grande, pode ser rastreada por essas empresas de controle.

"O que temos visto ao longo de duas décadas é uma sequência de problemas em empresas de capital aberto que essas empresas de auditoria não conseguem identificar e nos quais, de alguma forma, acabam se envolvendo. Essa discussão de novo vai voltar: a auditoria independente é realmente eficiente, esse modelo é falho e precisa ser corrigido?", questiona Massara, que é professor licenciado da Faculdade de Direito Milton Campos (MASSARA,2023).

Massara lembra o caso da Enron, companhia de energia americana que faliu no início dos anos 2000, após ter escondido dívidas de 25 bilhões de dólares por dois anos. O escândalo envolveu a auditoria Arthur Andersen, uma das maiores do mundo, que fazia parte das então big five.

Barreto, do Insper, explica que as auditorias costumam se basear em estatísticas, sem revisar todos os processos, mas avaliando amostras e, a partir delas, analisando o quadro geral. "O tipo de procedimento que uma auditoria faz para certificar que a empresa está demonstrando todos os passivos é um teste de subavaliação", diz o professor de finanças.

Os auditores supostamente independentes entram, então, em contato com as instituições financeiras que tiveram relacionamento com as auditadas, confirmando saldos e aplicações. "Na investigação, a PwC vai ter que se defender e mostrar o que os bancos responderam para ela quando ela perguntou sobre operações de dívida ou de 'risco sacado'. Pode ser que a informação não tenha chegado a partir das instituições financeiras", ressalta Barreto.

6.6 Omissão por Parte dos Bancos Credores

CORRÊA (2023), menciona sobre outro ponto importante do processo, principalmente no caso do "risco sacado". Se foram os bancos que fizeram a operação junto aos fornecedores, eles deveriam, a princípio, ter alertado os auditores sobre os valores.

Entre os maiores credores das Americanas estão os bancos Santander (R\$ 3,7 bi), Itaú (R\$ 3,4 bi), Safra (R\$ 2,5 bi) e BTG Pactual (R\$ 1,9 bi). O BTG, inclusive, travou uma batalha pública, em recurso enviado à Justiça contra a varejista, chamando o escândalo de "fraude" e dizendo que os acionistas majoritários do 3G Capital foram "pegos com a mão no caixa".

Para Barreto, o "risco sacado" deveria ter sido informado pelos bancos justamente no momento em que os auditores entraram em contato para confirmar os números da dívida da Americanas. "O auditor, na defesa dele, vai ter que comprovar que fez esse processo. E acho que se salva se a instituição não respondeu que tinha essa informação de risco sacado. É uma possibilidade", sublinha o professor.

"Os credores sabiam que estavam fazendo 'risco'", diz Massara. "Essas instituições financeiras têm bilhões de reais emprestados para uma empresa. Não deveria ter havido uma diligência melhor? É uma bandeira que pode ser levantada", aponta o advogado (MASSARA,2023).

6.7 Falha nos Controles Internos da Americanas

A principal questão do caso, no entanto segundo CORRÊA (2023), continua sendo como uma empresa de capital aberto do tamanho da Americanas conseguiu esconder, por tanto tempo, o rombo bilionário dos próprios diretores e executivos.

No último fim de semana, os principais sócios da empresa, os bilionários Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Carlos Sicupira – três dos quatro mais ricos do Brasil – se pronunciaram, em nota. "Assim como todos os demais acionistas, credores, clientes e empregados da companhia, acreditávamos firmemente que tudo estava absolutamente correto", disseram.

Para o especialista societário David Massara, porém, a divulgação, na semana passada, de que membros da diretoria da empresa venderam mais de R\$ 200 mi em ações no fim de 2022 levanta suspeitas.

"Se o mercado via potencial de mais valorização, e os diretores, que têm mais informação que todo mundo, vendem, é sinal que eles não viam o mesmo potencial. Isso pode ser um indício de que algo errado podia estar acontecendo", diz ele, acrescentando que, se comprovada a tese, os diretores podem ser culpados por uso de informações privilegiadas, o chamado insider trading (MASSARA,2023).

Nas empresas de capital aberto, os membros do conselho precisam aprovar as demonstrações contábeis. Com isso, também podem ser responsabilizados, explica Eric Barreto, do Insper. "A assinatura não é pro-forma", explica, sublinhando que os controladores de uma empresa têm acesso a todas informações necessárias.

Segundo o professor da FGV Joelson Sampaio, mesmo assim, o impacto no grupo 3G Capital deve ser pequeno, pelo menos a priori. "Isso pode mudar se ficar comprovado algum tipo de ação mais estratégica por parte do grupo", avalia.

7. O QUE ACONTECE AGORA?

Segundo CORRÊA (2023), o processo de recuperação judicial é utilizado para uma empresa garantir que, mesmo em situação complicada, como no caso da Americanas, compromissos sejam honrados. Alguns dos principais são a manutenção dos empregos dos trabalhadores e o pagamento de fornecedores, por exemplo. Após os 60 dias do início do processo, um plano de reestruturação é apresentado. Ele deve ser aprovado por ao menos metade dos credores.

Pelo menos num primeiro momento, isso deve garantir que cerca de 40 mil funcionários da companhia continuem recebendo seus salários. No entanto, é muito provável que haja demissões durante o processo – e sindicatos já buscam negociação com a varejista.

"O dispositivo de recuperação judicial é para adequar a dívida a um novo tamanho de empresa. Se a Americanas vai ter que ajustar o tamanho dela, é muito provável que tenha um novo tamanho de funcionários. É uma consequência", diz Barreto, do Insper. (BARRETO, 2023).

Mas os efeitos não ficam por aí. "Do ponto de vista financeiro, a empresa já não vai ter mais acesso ao crédito. Ninguém vai emprestar para ela. Ela está brigando com o sistema financeiro, por isso a recuperação judicial", diz Massara. Ele afirma que pode haver dificuldades com fornecedores, que não vão querer vender para a empresa, ou mesmo migração de parceiros do marketplace para plataformas de outras varejistas com maior credibilidade.

No mercado financeiro, já há reflexos com investidores de debêntures e fundos que usavam ações da Americanas – como é o caso do Nu Reserva, do Nubank, que sofreu uma fuga de cerca de 175 mil cotistas após registrar rentabilidade negativa.

"Outros fundos que já estão sofrendo são os imobiliários, que têm grandes imóveis, e muitas vezes alugam para essas grandes lojas. Tem muito fundo imobiliário que tem imóvel alugado para a Americanas", explica Massara (MASSARA, 2023).

Para Joelson Barreto, da FGV, o efeito cascata da Americanas pode acabar afugentando investidores, pelo menos num primeiro momento. "Já temos poucos investidores pessoa física na Bolsa em comparação com outros países. Acho que eles vão ter mais cautela em relação às próximas aquisições", diz.

Por fim, os credores vão também sofrer as consequências, aponta Barreto, do Insper. "As dívidas existentes, numa recuperação judicial, são renegociadas para a companhia seguir viável. O pedido também é para readequar a dívida a uma nova realidade de empresa", diz.

A questão também pode chegar, até mesmo de forma contábil, a outros grupos varejistas, principalmente em relação a como essas empresas contabilizam os procedimentos de "risco sacado", ressalta Massara. "Acredito que todos os varejistas vão passar por um escrutínio num lançamento contábil", conclui.

8. CONFIRA AS PRINCIPAIS ETAPAS DA RECUPERAÇÃO JUDICIAL

De acordo com o site Primeira Hora (2023), as etapas funcionam da seguinte maneira, primeiro a empresa apresenta o pedido à Justiça, caso o juiz aceite, as cobranças e os processos de dívidas são suspensos por 180 dias, prorrogáveis por mais 180 dias. Ações trabalhistas e execuções fiscais podem continuar a ser cobradas nesse período;

Um administrador judicial é nomeado pelo juiz. Cabe ao administrador supervisionar o processo e fazer o comunicado aos credores. Normalmente, os gestores permanecem na administração da empresa, exceto em casos graves, em que um gestor judicial também é nomeado;

Ainda de acordo com o site Primeira Hora (2023), a empresa tem até 60 dias para apresentar um plano de recuperação, que envolve tanto o pagamento das dívidas (com alongamento das parcelas e abatimentos) como a venda de ativos ou até a fusão com outra empresa;

Credores têm 30 dias para apresentarem objeções;

O plano deve ser aprovado por pelo menos 50% mais um dos credores em cada classe. No caso de aprovação, quem votar contra deverá aceitar as condições;

Em caso de rejeição, a Nova Lei de Falências autorizou os credores a apresentarem planos alternativos de recuperação em até 30 dias, que também deverão ser votados em assembleia;

A Nova Lei de Falências facilitou a obtenção de crédito pelas empresas em recuperação judicial, ao permitir empréstimos especiais.

Quem pode pedir a recuperação judicial, segundo a (Agência Brasil 21 de janeiro de 2023). Sociedades empresariais e empresários individuais registrados há pelo menos dois anos;

Instituições financeiras, associações, cooperativas, organizações não governamentais, empresas públicas ou de economia mista não podem aderir ao mecanismo;

Entre as pessoas físicas, somente produtores rurais que atuam como pessoa física podem requerer a recuperação;

Empresas com sócio majoritário ou administrador condenado por fraude ou violação de sigilo empresarial não têm acesso ao mecanismo.

8.1 Divisão dos Credores

Segundo o site Primeira Hora (2023), durante a assembleia, os credores são divididos em quatro classes, baseados no tipo de dívida:

- Créditos trabalhistas e de acidente do trabalho;
- Créditos com garantia especial (como imóvel ou veículos);
- Créditos sem garantia especial;
- Créditos a micro ou pequena empresa
- Cada classe de credores precisa aprovar o plano de recuperação judicial, mas o juiz, em casos especiais, pode aprovar o plano mesmo sem acordo em todas as classes.

8.2 Falência

O site Primeira Hora (2023), ainda cita que se a empresa devedora não conseguir cumprir o plano de recuperação, os credores podem exigir a execução do acordo ou entrar com pedido de falência. Se o juiz decretar a falência, a empresa fecha definitivamente, e os ativos da massa falida são leiloados para quitar pelo menos parte da dívida.

Em caso de falência, o valor arrecadado com a venda dos ativos é destinado na seguinte ordem:

- créditos trabalhistas de até 150 salários-mínimos ou de acidentes de trabalho
- créditos com garantia real, como imóveis

- créditos tributários, como impostos
- demais créditos, como dívidas com fornecedores e consumidores lesados.

9. CONCLUSÃO

De acordo com a análise de estudo de caso das Lojas Americanas, identifica-se que houve uma sequência de erros na contabilidade da empresa, levando as Lojas Americanas a quase falência, enfrentando uma recuperação judicial.

Um caso parecido com as Lojas Americanas é a TV Manchete que passou por problemas financeiros e erros na sua administração chegando a vir a falência em 1999.

A TV Manchete faliu, pois, acumulou dívidas e processos administrativos. Em maio de 1999, último mês do canal no ar, a empresa devia mais de seis meses de salário a mais de 1.500 funcionários, além de um grande passivo trabalhista e fiscal, de acordo com informações da revista Exame.

Depois da falência da TV Manchete, as concessões foram transferidas para os empresários Amilcare Dallevo Jr. e Marcelo de Carvalho. O canal foi sucedido pela TV! que pouco tempo depois se transformou em Rede TV! no ar até os dias de hoje (GOMIEIRO,2022).

Chega-se à conclusão de que houve problemas internos na gestão das Lojas Americanas, falha de comunicação e omissão de dívidas, é fundamental que todos os setores administrativos estejam alinhados entre si e cercado de profissionais capacitados que entendam o que estão fazendo visando preservar a saúde financeira da empresa. É necessário que as auditorias também sejam recorrentes, num prazo mínimo de 6 em 6 meses.

REFERÊNCIAS

SEGUIN, Laís. Tubarões e rapel: quem é Sergio Rial, CEO que revelou rombo nas Americanas. Uol, 2023. Disponível em:

<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2023/01/12/quem-e-sergio-rial-ceo-americanas.htm/>. Acesso em: 20 de março de 2023.

BLOG, A história das Lojas Americanas no Brasil. Ponte Rio Niterói, 2023. Disponível em:

<https://www.ponterioniteroi.com.br/conteudo/b3bbccd6c008e727785cb81b010a0a00187a5c15/>. Acesso em: 25 de março de 2023.

BRUXEL, Mateus. História das Lojas Americanas: quando surgiu e quem são os donos. Gaucha ZH. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2023/01/americanas-foi-fundada-em-1929-no-rio-conheca-a-historia-cld98u62m000v01576h7y7kb8.html>. Acesso em: 27 de março de 2023.

CARNEIRO, Rodrigo. www.Americanas.com.br-Uma história de sucesso. Blog Risu, s.d. Disponível em: <https://blog.risu.com.br/www-americanas-com-br-historia/>. Acesso em: 30 de março de 2023.

MENEZES, Lizete. Como a Americanas, um negócio de 90 anos, se mantém inovador e em crescimento. Época Negócios, 2020. Disponível em:

<https://epocanegocios.globo.com/360/noticia/2020/11/como-americanas-um-negocio-de-90-anos-se-mantem-inovador-e-em-crescimento.html/>. Acesso em: 02 de abril de 2023.

AMERICANAS. Marketplace. Americanas: tudo que você precisa saber sobre a marca mais querida do Brasil. Blog.americanasmarketplace, 2021. Disponível em:

<https://blog.americanasmarketplace.com.br/2021/06/07/americanas/>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

NUNES, Ana Carolina. Americanas acha rombo de R\$ 20 bilhões e presidente da empresa renúncia. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/fato-relevante-americanas-11-jan-23/>. Acesso em 11 de abril de 2023.

LAGE, Janaina. Americanas: veja tudo que você precisa saber sobre a crise na empresa. Site O Globo, 2023. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2023/01/americanas-veja-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-a-crise-na-empresa.ghtml/>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

CORRÊA, Fábio. As falhas que podem ter levado ao rombo nas Lojas Americanas.

Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2023/01/24/as-falhas-que-podem-ter-levado-ao-rombo-nas-lojas-americanas>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

AGÊNCIA, Brasil: Regras seguem Nova Lei de Falências, sancionada em 2020. Site Primeira Hora, 21 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://primeirahora.com.br/veja-as-etapas-da-recuperacao-judicial/#:~:text=Empresa%20apresenta%20o%20pedido%20%C3%A0%20Justi%C3%A7a%3B%20Caso%20o,per%C3%ADodo%3B%20Um%20administrador%20judicial%20%C3%A9%20nome>.

Acesso em 25 de maio de 2023.

GOMIEIRO, Marina. Por que a TV Manchete faliu? Emissora exibiu Pantanal, 3 de março de 2022. Disponível em: <https://www.dci.com.br/dci-mais/cinema-e-tv/por-que-a-tv-manchete-faliu-emissora-exibiu-pantanal/237698/>. Acesso em: 04 de junho de 2023.